

## 5

### Metodologia da Pesquisa

#### 5.1.

#### Tipo de estudo: considerações a respeito da metodologia de pesquisa

##### 5.1.1.

#### Concepção de conhecimento em ciências humanas

Nesse estudo, partimos de uma concepção de homem e de mundo segundo a qual a cultura é condição essencial para a existência humana. Deste modo, o conhecimento que nos empenhamos em construir será condizente com uma concepção de ciências humanas que toma seu objeto de estudo como essencialmente diferente do objeto das ciências naturais e exatas.

Buscamos na antropologia alguns parâmetros deste tipo de estudo. Segundo Geertz (1989), não existe o que chamamos natureza humana independente da cultura. Dentro de uma perspectiva iluminista, o homem teria uma natureza constante, independente de tempo, lugar e circunstância e isso é uma ilusão. Seria, conforme o autor, o mesmo que conceber a diversidade de costumes no tempo e no espaço simplesmente como uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediantes, onde permaneceria a idéia de que a humanidade, essencialmente, seria uma só, constante e universal.

Geertz (1989) propõe que o comportamento humano seja visto como ação simbólica e a cultura como estruturas de significados socialmente estabelecidos. Segundo um conceito semiótico de cultura, ela constitui sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. Trata-se, então, de um contexto, dentro do qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, descritos com densidade.

Acreditando que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, Geertz (1989) define a cultura como sendo essas teias e a sua análise, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma

ciência interpretativa à procura de significados. Deste modo, compromete-se com um conceito semiótico de cultura e uma abordagem interpretativa de seu estudo.

Mas Geertz (1989) enfatiza também que o objeto de estudo é uma coisa e o estudo é outro. Isso quer dizer que, uma vez que se compromete com um conceito semiótico de cultura e com uma visão interpretativa da cultura, a descrição da cultura é “essencialmente contestável”. Ou seja, uma descrição da cultura não é, ela própria, parte da realidade que descreve, mas uma ficção ou interpretação de segunda ou terceira mão.

Isso nos indica que, na prática da investigação qualitativa, para examinar o mundo alheio é necessário vê-lo (na medida do possível) do ponto de vista dos “nativos”/informantes e isso é algo extremamente delicado, pois o etnógrafo não percebe aquilo que seus informantes percebem, mas o “com que”, “por meios de que” ou “através de que” os outros percebem (Geertz, 2006).

Essas considerações de Geertz (1989; 2006) nos remetem ao debate epistemológico da pesquisa em ciências humanas e nos orienta sobre o lugar do pesquisador no processo de construção do conhecimento.

A complexidade da produção de conhecimento em Ciências Humanas é discutida também por Bakhtin. Em “Para uma filosofia do ato”, o autor chama atenção para o caráter material e histórico de cada ato. Há sempre o mundo dado em oposição à apreensão deste mundo. Uma coisa são os atos, as ações; outra coisa são as representações do mundo. Uma coisa é o pensamento no mundo; outra coisa é o pensamento sobre o mundo. Uma coisa é o mundo vivido; outra, o mundo representado.

O autor ressalta que nenhuma interpretação dá conta de um acontecimento na sua totalidade. Existe uma separação insuperável entre um acontecimento na vida e um conhecimento ou uma interpretação sobre esse acontecimento na vida. Assim, Bakhtin critica a pretensão dos saberes científicos de estarem apreendendo o mundo na sua totalidade, de estarem esgotando um objeto por completo e, dessa crítica, aponta-nos qual é a postura possível ao estudioso diante do seu estudo: a postura de humildade e implicação.

O momento de uma entrevista é um acontecimento, é como uma conversa entre duas pessoas, onde está determinado que uma pessoa pergunta e a outra responde. Mas a situação da entrevista é mais complexa do que se supõe. De acordo com Bakhtin, pensamento no mundo é diferente de pensamento sobre o

mundo. Então, quando os entrevistados falam sobre suas relações e suas experiências, o que é dito certamente não coincide exatamente com o que é vivido no momento dos acontecimentos, pois suas falas são narrativas produzidas no contexto da entrevista *sobre* um acontecimento (Bakhtin, 1992).

O que se busca enfatizar é que as falas dos entrevistados não comportam o todo do acontecimento que elas pretendem descrever, pois se trata de uma representação sobre o que cada pessoa vive; representação essa produzida no contexto da entrevista e, portanto, sujeita às condições circunscritas por ela.

Uma das repercussões metodológicas dessas considerações é que, a partir delas, entendemos que a entrevista não é uma forma neutra ou mecânica de obter informações sobre algo, pois ela coloca em questão as próprias condições de uso da língua em um diálogo.

Nos seguintes trechos, Bakhtin fala do papel ativo do outro no processo da comunicação. Com relação à lingüística do séc XIX, o autor critica:

(...) o que permanece característico é não uma ignorância absoluta, por certo, mas uma estimativa errada das funções comunicativas da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do locutor como se este estivesse *sozinho*, sem uma forçosa relação com os outros parceiros da comunicação verbal. E, quando o papel do outro é levado em consideração, é como um destinatário passivo que se limita a compreender o locutor (Bakhtin, 1992, pág. 289).

Mais à frente, ele complementa:

(...) Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos *aspectos* reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o *todo* real da comunicação verbal, se transformam em ficção científica. De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa*... (Bakhtin, 1992, pág. 290).

Isso nos indica o quanto a própria condição da entrevista circunscreve a narrativa, o que não pode ser ignorado numa pesquisa. O querer dizer do sujeito que fala (o entrevistado) depende, entre outras coisas, da comunicação que vem do interlocutor (o entrevistador). Então, o fato de se ser homem ou mulher, jovem ou velho, branco ou negro, bonito ou feio, etc, como também a forma de

perguntar, os trejeitos ao perguntar, a entonação da voz, etc e tal, podem influenciar na produção da resposta a ser dada.

Deste modo, o conteúdo da narrativa do entrevistado não corresponde exatamente ao que ele experiencia nas suas relações, na sua vida, e sim a como ele fala de sua experiência na circunstância da entrevista.

Isso significa que o “outro” da entrevista (o entrevistador) não é um sujeito nulo, neutro, mas alguém que participa ativamente da fala do entrevistado (e vice-versa). Por ser o interlocutor alguém que reage à fala do sujeito, que a complementa, se interessa por ela, expressa concordância ou discordância, responde e pergunta, ele influencia a forma e o conteúdo da comunicação em uma fala.

A escuta sobre o que o sujeito fala também não é neutra. O ouvinte não é alguém abstraído do mundo de significações e valores. Considerando que as pessoas não trocam orações nem palavras, mas sim enunciados constituídos com a ajuda de unidades de palavras, combinações de palavras e orações, então a comunicação verbal se faz necessariamente na relação com um “outro”.

A individualidade/singularidade da escuta do pesquisador sobre o que é dito pelo entrevistado se reflete na análise que é feita sobre o que foi coletado em uma entrevista. O trabalho da análise é realizado solitariamente. O pesquisador se recolhe para pensar a respeito das informações obtidas, fazer associações e produzir um texto a respeito daquele objeto de estudo.

Se, conforme Bakhtin, existe, necessariamente, uma cisão entre o mundo da cultura<sup>5</sup> e o mundo da vida (Bakhtin, 2010), então as interpretações sobre as coisas da vida pertencem ao mundo da cultura e não ao mundo da vida, embora elas tenham a pretensão de falar sobre o que é vivido e embora esses dois mundos se comuniquem entre si. O que Bakhtin pondera é que esses mundos não coincidem e sua divisão existe e é insuperável precisamente porque o ato na vida não pode ser repetido na sua totalidade. Ele é singular, de modo que nenhuma interpretação ou explicação o reproduz ou o esgota. Até porque a interpretação, o pensar sobre o mundo, já é outro ato.

---

<sup>5</sup> Mundo da cultura no sentido de mundo da cultura formal, do que é tido como saber ou conhecimento em uma sociedade.

### 5.1.2.

#### “Análise de discurso” na pesquisa social

O presente estudo consiste em uma “análise de discurso”. Uma breve reflexão sobre tal campo de estudo se faz necessária para melhor esclarecer exatamente o tipo de pesquisa que foi feita.

A “Análise de Discurso” tem suas origens no campo da lingüística, mas é interessante para a psicologia quando se tem como propósito realizar estudos psicossociais. Neste tipo de estudo, parte-se do pressuposto de que o sentido do discurso não está “colado” na palavra, pois a palavra não é provida de objetividade. Diferentemente da “Análise de Conteúdo” (a esse respeito, ver Bardin, 1980), rejeita-se a noção de linguagem como um meio neutro de refletir ou de descrever o mundo. A língua é considerada opaca e heterogênea, e não transparente e homogênea, como é em Análise de Conteúdo. Deste modo, o sentido do discurso não é fechado nem exato, e tem profunda ligação com as condições em que foi produzido.

Assim, a Análise de Discurso foi considerada a metodologia mais adequada para esta pesquisa em função do nosso objetivo de apreender as falas dos sujeitos como textos produzidos dentro de um contexto sócio-cultural e explorar suas condições sociais de produção e os sistemas ideológicos subjacentes a ele.

De acordo com Rocha-Coutinho (1998), a “análise de discurso” é um campo de estudo relativamente recente e bastante variado, que comporta diferentes abordagens do discurso. Em função disso, o termo “análise do discurso” tem sido utilizado muitas vezes de forma muito abrangente, devido às múltiplas definições de discurso e à variedade de orientações analítico-metodológicas existentes. Mesmo assim, segundo a autora, no caso das duas grandes correntes ou tendências recentes de análise de discurso – a escola “francesa” e a escola “anglo-saxã” –, podemos encontrar, como consenso, o reconhecimento da importância do contexto na produção da linguagem, ou seja, a recusa de antigas concepções de linguagem que a entendiam como simples meio de comunicação ou mero suporte para a transmissão de informação (Rocha-Coutinho, 1998; Orlandi, 2007).

Apreendemos aqui o discurso como sendo socialmente constitutivo e, ao mesmo tempo, socialmente constituído. Ou seja, o discurso constitui práticas sociais e situações, ao mesmo tempo em que ele é constituído por elas. Nesta concepção de linguagem, o discurso é fenômeno social. Ele é considerado dentro da sua materialidade linguística, sempre estreitamente vinculada com os diferentes contextos de produção, de difusão e de recepção dos quais ele tira, em parte, sua significação. Isso quer dizer que ele não pode ser examinado apenas por meio de métodos estruturais, pois ele não existe fora do seu contexto de produção ou de sua recepção (Petitclerc, 2009).

A noção de contexto é central para os diversos tipos de análise de discurso, inclusive para a análise que nos propomos a fazer aqui. Segundo Fairclough (2001), pressupor a existência de uma relação entre linguagem e sociedade seria concebê-la como dois elementos até certo ponto externos um ao outro, que se encontrariam ocasionalmente. No entanto, a linguagem é um processo social, influenciado pelas interações com outros processos sociais. É parte integrante dos contextos sociais dentro dos quais eles se produzem. Nesta perspectiva, então, pelo reconhecimento de que as mudanças no uso linguístico estão ligadas a processos sócio-culturais mais amplos, pode-se estudar o processo de mudança social.

A importância do contexto para uma análise de discurso é explorada também por Micheli (2006) a partir da teoria de Van Dijk. Contexto é muitas vezes tomado como situação: situação dentro da qual um discurso foi produzido. Parte-se muitas vezes do contexto “local” para se examinar as propriedades dos participantes e das circunstâncias espaço-temporais imediatas à produção de um discurso. Mas ao se tratar de contexto como a situação dentro da qual o discurso emerge, toca-se imediatamente no problema da sua descriptibilidade *a priori* pelo analista. Não existe uma, mas várias descrições aceitáveis de uma circunstância. Um analista iria, então, escolher um número de traços situacionais que serão para ele os parâmetros para uma análise. Nessas condições, a análise do discurso repousaria fundamentalmente sobre a idéia de uma grade estável de parâmetros, o que permitiria uma descrição *a priori* do contexto.

Mas, numa análise de discurso, segundo a óptica de Van Dijk (Micheli, 2006), o analista não poderia dispor os parâmetros contextuais como lhe parece bom. O essencial é, segundo o autor, examinar os processos pelos quais os

sujeitos interpretam uma situação. Desta maneira, desvincula-se a noção de contexto da situação e assume-se uma posição êmica, dando clara prioridade ao ponto de vista dos sujeitos, e não ao do observador, para definir o que é o contexto de um discurso. A análise de discurso, nessa concepção, começa por definir o contexto como as interpretações individualmente variáveis da situação social em curso ou como as diversas maneiras pelas quais os participantes interpretam a situação comunicativa presente (Micheli, 2006).

Assim, diferenciam-se as noções de situação e de contexto: o contexto é uma construção que resulta do esforço dos participantes que interpretam a situação e selecionam dentro dela as propriedades pertinentes. Isso nos permite falar então, não de contexto, mas de contextualização. Uma perspectiva de análise de discurso seria, assim, aquela em que, mais do que o impacto do contexto sobre o discurso, trata-se da invocação dos contextos pelo discurso.

Por tudo isso, diz-se que a análise de discurso vai buscar mais que o conteúdo, justamente o social inserido no discurso. Ela é sempre interpretativa e deve ser criteriosa. Nela, o texto é fundamental, é sempre o ponto de partida e de chegada na análise.

O discurso não existe separado do social. Todo enunciado do sujeito é composto por enunciados por ele ouvidos ou lidos em algum momento de sua vida. Um enunciado é sempre um tecido de “vozes” vindas de outros textos preexistentes. Logo, nenhum discurso cria-se por si mesmo. Então, novamente, podemos afirmar que através do discurso individual pode-se chegar ao discurso social, pois todo texto é um mosaico de textos já ouvidos (Fairclough, 2001; Pinto, 1999).

No presente estudo, a análise de discurso que foi realizada se baseou nas falas de pessoas de duas gerações para compreender como a idéia de constituir uma família e a própria concepção de família vêm se transformando nas últimas décadas, considerando as mudanças sociais mais amplas que ocorreram neste período. Acreditamos que através da análise de discursos individuais pode-se alcançar os parâmetros que possibilitam compreender tais transformações, consagrando assim a dimensão social de suas falas.

## 5.2.

### Procedimentos metodológicos

#### 5.2.1.

#### O recorte da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada através da análise dos discursos de pessoas de duas gerações, de modo a apreender elementos indicadores de mudanças e permanências de padrões na relação indivíduo-família nas últimas décadas no Rio de Janeiro. Assim, trabalhou-se com os discursos de homens e mulheres de 25 a 35 anos e de 60 a 70 anos.

As faixas etárias das pessoas entrevistadas foram definidas tendo-se o intuito de tornar visíveis as diferentes maneiras com que os indivíduos de diferentes gerações vivenciaram e vivenciam a idéia de constituir uma família. Assim, optou-se por entrevistar pessoas que, em função de terem vivido em contextos histórico-sociais distintos, tivessem experiências diferentes a relatar.

Cabem aqui algumas considerações sobre o conceito de “geração” relevantes para se compreender os critérios que influenciaram na escolha do recorte da pesquisa. A decisão por trabalhar com discursos de pessoas de duas gerações e a escolha dos critérios que vigoraram na definição do recorte da pesquisa se fizeram com base em um conceito de “geração”, a respeito do qual cabem aqui algumas considerações.

Quando se fala em geração, segundo Debert (1998), “não se refere a pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras” (p.60). Tal formulação é baseada na concepção de geração apresentada por Mannheim (1982), segundo a qual geração corresponde a um fenômeno cuja natureza é essencialmente cultural.

Na perspectiva de Mannheim (1982), a geração reúne pessoas que, nascidas numa mesma época, viveram os mesmos acontecimentos históricos e partilham de uma mesma experiência histórica. Essa experiência comum dá origem a uma consciência que permanece ao longo dos respectivos cursos de vida das pessoas do grupo.

Uma geração não é como um grupo concreto ou de uma comunidade, onde os laços que unem os indivíduos são conscientes e até desejados. Os membros de uma geração têm, sem dúvida, laços que os unem, mas uma geração não é um grupo. Ela não pode se desfazer. É, sim, um fenômeno social cujos membros estão ligados uns aos outros por uma semelhança de posição dentro de um todo social.

Deste modo, pertencer a uma geração é como pertencer a uma classe social. Da mesma forma que aqueles que ocupam um mesmo segmento social estão ligados entre si - mesmo que não o saibam, não o queiram e mesmo sem se conhecer - as pessoas de uma mesma geração também são unidas por um laço. Mas esse laço não é a estrutura econômica.

Uma geração se define a partir de sua posição na escala do ritmo biológico na existência humana, a saber, aquela que vai do nascimento à morte, que compreende as fases biológicas da vida. Contudo, ela não se reduz à dimensão biológica. O que Mannheim (1982) enfatiza é que as pessoas que nascem num mesmo ano ocupam uma posição comum na dimensão histórica do processo social. O pertencimento a uma geração funciona como um posicionamento social, tal qual um posicionamento de classe. Ele reúne vários indivíduos e produz certa afinidade entre eles no que diz respeito a suas visões de mundo, suas experiências e suas formas de participação social. Assim, o fato de se pertencer a uma determinada geração torna os indivíduos predispostos a pensarem e a experimentarem o mundo de um modo característico.

Assim, como afirma Barros (1987), uma geração possui uma forte e visível identidade histórica e é dentro dela que se imprimem as singularidades dos costumes e comportamentos que caracterizam a experiência de cada pessoa. Foi justamente com o intuito de explorar as diferenças e semelhanças relacionadas à identidade histórica dos indivíduos das duas gerações que se definiu as faixas etárias dos entrevistados.

De acordo com Sarmiento (2005), uma crítica que é comumente feita quanto ao uso desse conceito é que ele diluiria os outros importantes fatores de estratificação e ocultaria, numa designação comum, as diferenças e as igualdades de classe. Ciente desse risco e para prevenir isso, toma-se o conceito de geração não como diluindo os efeitos de classe, de gênero ou de raça na caracterização das posições sociais, e sim conjugando-se a eles. Assim, a uma geração integra-se o

efeito de classe, de gênero e de raça, numa relação que não é aditiva e nem complementar, mas que afirma sua especificidade/singularidade.

Deve-se esclarecer que, ao se falar em geração, parte-se da crença de que a realidade é socialmente construída. Conforme Berger & Luckmann (1974), o homem, diferentemente dos outros animais, tem uma relação com o mundo/ambiente muito imperfeitamente estruturada devido a sua própria constituição biológica. O processo de tornar-se homem efetua-se na correlação com o ambiente, mais precisamente com uma ordem cultural e social específica. Desde o momento do nascimento, o desenvolvimento orgânico do homem está submetido a uma contínua interferência socialmente determinada.

Assim, considera-se: primeiro, que o homem se produz a si mesmo, de modo que o eu não pode ser devidamente compreendido fora do particular contexto social em que foi formado; segundo, que a auto-produção do homem é necessariamente um empreendimento social (Berger & Luckmann, 1974).

Retomando, então, os critérios de escolha dos sujeitos da pesquisa, as pessoas da faixa etária de 25 a 35 anos foram consideradas a geração “alvo” desta pesquisa, por serem reveladoras de uma realidade atual, do que se apresenta de novo na contemporaneidade. Esta faixa etária foi definida por ser normalmente um momento em que se processa a entrada para a “vida adulta”, embora uma delimitação rígida das fases da vida seja hoje questionável. Mesmo assim, observa-se que, nas classes médias, comumente é dentro deste intervalo de idades que geralmente se termina o curso na universidade, que ocorre a inserção no mercado de trabalho, que se apresenta a preocupação com relação à obtenção de maior autonomia e independência e também à busca de “rumos” para suas vidas, dentre eles a constituição de uma nova família. Nosso objetivo foi o de entender como essas pessoas concebem a idéia de formar uma família nesse momento de suas vidas, no contexto da contemporaneidade.

As pessoas com idades entre 60 e 70 anos foram consideradas a geração “contra-ponto” para este estudo. Foi em comparação ao discurso delas que foram identificadas as transformações ocorridas na concepção de família nas últimas décadas. Elas viveram sua entrada na vida adulta em contexto social diferente da outra geração. Nasceram entre 1939 e 1949, tinham a idade de 25 anos entre os anos 1964 e 1974. Viveram suas juventudes em um momento fortemente marcado pela contestação de valores e costumes tradicionais na época, mas também eram

muito influenciados por aqueles valores tradicionais da época, os quais eram justamente motivo de contestação. Isso resultou no fato de estas pessoas terem uma identidade geracional bastante característica e distinta da geração que tem hoje entre 25 e 35 anos.

Considerou-se que, para os fins deste estudo, a análise dos discursos dessas duas gerações tão distintas propiciaria a emergência de elementos importantes que viriam a facilitar a compreensão das transformações referentes aos processos familiares nas últimas décadas.

A aproximação dos discursos de pessoas de duas gerações nesta pesquisa foi feita de forma atenta à assimetria das falas: algumas delas se referiam a um futuro não vivido, imaginado - no caso da geração mais jovem; outras, a um passado já vivido, elaborado - no caso da geração mais velha. Enquanto as pessoas da geração mais velha eram convidadas a falar sobre a época em que tinham entre 25 e 35 anos, ou menos até, o que pensavam e viviam naquele momento, às pessoas da geração mais jovem era solicitado que falassem sobre o que pensavam naquele momento a respeito do próprio presente e do futuro. A análise das falas deveria então levar sempre em consideração o fato de se tratar de narrativas de natureza distintas.

Investigações realizadas por meio de falas referidas ao passado são frequentemente realizadas. Mas a análise de discursos sobre um passado deve ser feita com cuidado pelo fato de as narrativas serem constituídas a partir da relação entre passado e presente.

Conforme Halbwachs (1994), o trabalho da memória é um trabalho de reconstrução do passado que ocorre sob a influência do meio social presente. É impossível lembrar exatamente as sensações que se tinha quando se era criança, da mesma forma que é impossível lembrar exatamente um sonho ou, ainda, que é impossível ter a mesma impressão de um livro que se lê várias vezes. O lembrar não é consequência de voltar a ocupar exatamente um antigo estado de alma, pois, para isso, seria preciso evocar ao mesmo tempo, e sem exceção, todas as influências que se exerciam então sobre nós; da mesma forma que para restituir em sua realidade um elemento histórico, seria preciso tirar de suas tumbas todos aqueles que foram seus atores e testemunhos. Assim, a lembrança é uma reconstrução do passado, a qual se efetua, ao mesmo tempo, sob a influência da

sociedade inteira, sob a pressão dos preconceitos e preferências da sociedade. Por isso, segundo Halbwachs (1994), lembrar não é reencontrar: é, antes, reconstruir.

Em consequência disso, apreende-se a memória como um sistema cultural de atribuição de significado que se produz ao longo do tempo e, portanto, não deve ser conceitualizada do ponto de vista “instrumental”. Uma narrativa sobre o passado é uma interpretação criativa realizada em um momento posterior. De acordo com Peralta (2007), ela tem uma dimensão social e uma dimensão individual. Ao mesmo tempo em que está sujeita à influência dos constrangimentos sociais próprios de um grupo, o que faz com que uma recordação seja condicionada pelo fato de se pertencer a um grupo, ela é um produto da mente individual em relação com o mundo exterior. Assim, ainda que a memória seja baseada em quadros de significação e em contextos culturais específicos, ela é constituída pelas experiências emocionais e pelas expectativas pessoais de cada um (Peralta, 2007).

Tudo isso nos dá pistas da complexidade da análise dos discursos realizada neste estudo. Ciente disso, e apesar das assimetrias dos discursos analisados, considerou-se que a análise de discursos de pessoas de duas gerações seria um recorte interessante para se desenvolver esta pesquisa, reveladora do processo de transformação da relação indivíduo-família nas últimas décadas.

Outra consideração importante a ser feita com relação ao recorte da pesquisa refere-se ao fato de a maioria dos entrevistados da geração mais jovem serem solteiros e não terem filhos. Embora esse não fosse um critério de escolha dos sujeitos, a recorrência de tal perfil entre os sujeitos da pesquisa pode ser indicadora de um padrão de adiamento do projeto de maternidade/paternidade e casamento no cenário atual. Muito possivelmente, as respostas dadas às perguntas seriam diferentes caso os entrevistados fossem pessoas que estivessem de fato engajados em um projeto de casamento, de maternidade ou paternidade. Isso impõe uma reflexão sobre os limites de generalização dos resultados da pesquisa, pois os dados obtidos por meio deste estudo não podem ser expandidos a uma realidade diferente daquela a que estão referidos.

### 5.2.2.

#### Os sujeitos da pesquisa

Estabeleceu-se que os sujeitos da pesquisa fossem pessoas com idades entre 25 e 35 anos (geração mais jovem) e entre 60 e 70 anos (geração com mais idade), sendo metade homens e metade mulheres. Contudo, as idades dos entrevistados não preencheram todos os 10 anos de intervalo das idades acima indicadas. Eles têm de 27 a 34 anos e de 63 a 69 anos.

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu mediante os seguintes critérios: pertencer aos extratos sociais médios, ter nascido na cidade do Rio de Janeiro ou nela ter vivido a maior parte de sua vida. Nenhuma outra condição, como estado civil, morar ou não com a família, ser independente financeiramente, ter filhos, netos, etc, foi previamente estabelecida. No entanto, como já foi discutido logo acima, a recorrência de pessoas solteiras e sem filhos na geração de 25 a 35 anos pode ter influenciado os resultados que foram obtidos neste estudo.

Os sujeitos da pesquisa foram convidados a participar da pesquisa a partir de sua rede social. Essa é uma estratégia de recrutamento que, segundo Heilborn (2004), serve para que se tenha acesso a um material minimamente controlado quando se tem como alvo as camadas médias, um segmento extremamente vasto e variado, de difícil definição. Trata-se de uma tentativa de abordar pessoas que compartilham de uma representação de mundo próxima dentro das “classes médias”, fazendo com que a comparação de seus discursos seja possível.

Barros (1987) também faz referência à dificuldade teórica de se identificar os grupos pertencentes às classes médias devido à grande heterogeneidade cultural deste segmento. Assim, Barros (1987) exemplifica:

“entre um advogado bem-sucedido da Zona Sul do Rio, que inicia a entrevista perguntando: ‘o que você quer saber sobre a família burguesa em decadência?’, e uma avó, moradora em Olaria, casada há 37 anos com um lapidador de diamantes, que se vê como pertencendo à “classe média, média mesmo, porque dá para viver’, existem diferenças significativas. Diferenças que ocorrem não só ao nível da própria explicação de sua posição social, mas também ao nível das condições reais de existência de cada família” (p.22).

Por isso, neste estudo, muitos entrevistados foram, então, indicados por outros entrevistados, o que tornou possível que se trabalhasse com as falas de sujeitos que partilham mais ou menos um mesmo universo cultural.

As pessoas entrevistadas foram as seguintes (nomes fictícios):

1. *Lucas* - 27 anos, casado, sem filhos, formado em turismo.
2. *Gabriel* - 27 anos, solteiro, mora sozinho, formado em matemática.
3. *Gustavo* - 27 anos, solteiro, mora com os pais e a irmã, formado em cinema e cursando administração.
4. *Daniela* - 28 anos, solteira, divide apartamento com uma amiga, formada em comunicação.
5. *Patrícia* - 28 anos, solteira, mora com o pai, formada em educação física.
6. *Flávio* - 31 anos, solteiro, mora com o irmão, formado em educação física.
7. *Carla* - 32 anos, solteira, mora sozinha, formada em cinema.
8. *Rodrigo* - 32 anos, solteiro, divide apartamento com um amigo, cursou cinema.
9. *Lígia* - 33 anos, solteira, mora com o irmão, formada em geografia.
10. *Rafaela* - 34 anos, solteira, mora com o pai e com a avó, formada em turismo.
11. *Antônia* - 63 anos, solteira, mora sozinha, sem filhos, formada em arquitetura.
12. *Francisca* - 65 anos, separada, mora sozinha, tem 2 filhas e 1 filho, formada em história.
13. *Lúcia* - 65 anos, casada, mora só com o marido, tem 2 filhas, formada em psicologia.
14. *Alda* - 65 anos, casada, mora só com o marido, tem 1 filha e 2 filhos, formada em psicologia.
15. *Gilda* - 65 anos, separada, a sobrinha mora com ela, tem 1 filho adotado, não fez curso superior.
16. *Elias* - 65 anos, separado, mora sozinho, 1 filha, formado em engenharia.
17. *Norberto* - 65 anos, casado, tem 1 filho e 1 filha, formado em arquitetura.
18. *Augusto* - 66 anos, casado pela 2ª vez, tem 4 filhas, formado em engenharia.
19. *Alfredo* - 67 anos, casado, tem 1 filha e 2 filhos, formado em medicina.
20. *Sérgio* - 69a, casado pela 2ª vez, tem 2 filhas, formado em engenharia.

### 5.2.3.

#### O trabalho de campo

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 20 pessoas, individualmente. As entrevistas foram realizadas em suas casas, de acordo com suas disponibilidades de horário. Elas duraram em média 1h e foram registradas em arquivos de áudio MP3. O conteúdo das entrevistas foi transcrito na sua íntegra e o texto resultante foi submetido a uma análise de discursos.

Não houve uma ordem fixa sobre que pessoas seriam entrevistadas primeiro ou por último. A ordem das entrevistas foi aleatória, seguindo a disponibilidade dos sujeitos da pesquisa.

Todos os entrevistados assinaram um “Termo de Consentimento” (ver modelo em anexo) por meio do qual, de uma parte, eles expressaram estarem cientes dos procedimentos da pesquisa e concordarem em participar deste estudo, e, de outra parte, a pesquisadora se comprometia em manter em sigilo suas identidades.

Como parte do processo de construção do roteiro das entrevistas, anteriormente à realização das entrevistas, foram feitas entrevistas-piloto com o objetivo de explorar o assunto a ser tratado e testar as formas de abordagem. Em seguida, foi elaborado um roteiro de entrevistas semi-aberto a partir do qual foram feitas as entrevistas. O material obtido através das entrevistas foi analisado a partir de categorias que emergiram do próprio texto.

### 5.3.

#### Processo de análise das entrevistas

##### 5.3.1.

#### Influências da “sociologia compreensiva” na análise das entrevistas

A análise dos discursos realizada foi influenciada pela Sociologia Compreensiva (Kaufmann, 2007b). De acordo com diretrizes gerais desta metodologia - amplamente utilizada no Centre de Recherche sur les Liens Sociaux (CERLIS), da Université Paris 5-Descartes (Paris/França) -, uma pesquisa é um exercício de compreensão do pesquisador com relação à questão que ele persegue.

Mais do que um procedimento que visa a confirmar ou refutar hipóteses previamente formuladas, a pesquisa em sociologia compreensiva propõe a exploração de uma problemática que emerge do contato do pesquisador com o campo de pesquisa, chegando à sua compreensão.

A tarefa do pesquisador é, então, a de articular equilibradamente teorização e observação, formulando hipóteses a partir do contato com o campo de pesquisa. O campo não é uma instância de verificação de uma problemática pré-estabelecida, mas o ponto de partida dessa problematização. Assim, o modo de construção do objeto começa pelo terreno, sendo o modelo teórico construído a partir desse contato.

Assim, considera-se que o progresso da pesquisa não pode ocorrer senão pela articulação fina entre trabalho de campo e fabricação concreta da teoria. O trabalho de pesquisa se inicia com uma questão, que é associada a várias hipóteses construídas a partir do contato com o campo de pesquisa.

Segundo Kaufmann (2007b), a parte mais importante da pesquisa vem com o trabalho de investigação do material obtido com as entrevistas. A pesquisa se inicia verdadeiramente quando o pesquisador começa a tratar do que se apresenta através das entrevistas. O autor enfatiza que o resultado da análise dos dados depende não tanto do “conteúdo” das entrevistas, simples matéria prima, mas da capacidade analítica do pesquisador, pois é por meio da reflexão constante e do avanço das hipóteses elaboradas pelo pesquisador que a pesquisa progride.

Na perspectiva da Sociologia Compreensiva, o trabalho de análise é um trabalho interpretativo que se constitui pela formulação de hipóteses formuladas a partir do trabalho de campo. Tal posicionamento vai ao encontro dos pressupostos apresentados anteriormente referentes à Análise de Discurso e foi considerado por nós como uma referência pertinente para a realização da nossa análise dos dados.

Em Sociologia Compreensiva, visando à fina articulação entre teorização e observação, o trabalho de campo conjuga atividades de realização das entrevistas e análise dos dados. Isso significa que durante a fase de realização das entrevistas já se inicia a fase de análise dos dados, a formulação de hipóteses e a reelaboração do roteiro de entrevistas atenta aos novos interesses do pesquisador. Acredita-se que esse processo favoreça um melhor apuramento das questões que emergem das entrevistas, na medida em que torna possível ao pesquisador retomar suas

hipóteses, já advindas do trabalho de campo, dentro do próprio campo de investigação.

No entanto, no processo de realização desta pesquisa, a retomada do campo de pesquisa após a primeira análise dos dados não aconteceu. A fase da análise das entrevistas não se articulou à realização de novas entrevistas, como aconteceria em um estudo em Sociologia Compreensiva. Os resultados que serão aqui discutidos resultam de entrevistas que foram realizadas no Brasil, anteriormente à sua análise, que foi feita em grande parte na França, durante o estágio de doutorado no CERLIS, *Université Paris 5 Descartes* – Paris/Fr, e finalizada no Brasil.

### 5.3.2.

#### **Transformação da questão inicial como parte do trabalho de análise dos discursos**

Durante a realização desta pesquisa, passou-se por uma constante reflexão e reformulação da questão a ser investigada. Como já era previsto que acontecesse, o contato com o campo da pesquisa suscitou novas indagações a respeito das questões e das pressuposições que se tinha inicialmente, fazendo surgir outras perguntas e interesses de investigação.

A questão principal que se tinha no começo da pesquisa era a de compreender “Que lugar a família ocupa e ocupava nos projetos de vida de pessoas de duas gerações?” Buscava-se conhecer os motivos que levavam as pessoas, no passado, a quererem constituir uma família, e os que inspiram as pessoas hoje a investirem num plano de ter uma família, pressupondo que o plano de ter uma família existiria. A partir das entrevistas realizadas, observou-se que as pessoas, principalmente as da geração mais jovem, muitas vezes não têm um “projeto de vida” – definido como uma conduta organizada para atingir uma finalidade específica (Velho, 2009) - claramente estabelecido, sendo suas “trajetórias de vida” resultantes de uma sucessão de acontecimentos não pensados previamente.

Desta forma, as atividades no campo de pesquisa levaram à reformulação da questão inicial da pesquisa. Partindo da questão de saber que lugar a família ocupa e ocupava nos projetos de vida de pessoas de duas gerações, passou-se a

um segundo objetivo de compreender como é, para os jovens-adultos de hoje, a idéia de constituir uma família, tomando como contra-ponto o discurso de pessoas de outra geração sobre seus engajamentos neste projeto no passado. Nossos trabalhos se voltam, então, a compreender como, mediante os processos sociais contemporâneos, vem se transformando a idéia de constituir uma família, dentro dos segmentos médios do Rio de Janeiro. A partir das falas dos entrevistados, voltamos nosso interesse para as diferentes concepções de família que emergiram dos discursos dos sujeitos da pesquisa quando eles se referiam à família que teriam no futuro e para as mudanças nos modelos de trajetórias de vida instituídos em cada contexto.

Os resultados serão discutidos no próximo capítulo.